

# **A Heráldica como ferramenta para a leitura de manifestações culturais brasileiras. Experiências de ensino e extensão no Curso de Museologia da UNIRIO**

Ludmila Leite Madeira da Costa\*

Rayssa Lisbôa França\*\*

Rosemere Gomes de Andrade\*\*\*

Recebido em: 10/08/2021

Aprovado em: 22/09/2021

## **Resumo**

Relato de experiência de ensino no âmbito do Curso de Museologia da UNIRIO referente ao conteúdo da disciplina Tópicos Especiais I – Heráldica e seu desdobramento em ação de extensão universitária. No componente curricular, os brasões e seus símbolos são estudados para além de seu contexto de origem – baseado em elementos da Europa ocidental moderna – trazidos às Américas durante o processo colonizador. No plano pedagógico da disciplina, a Heráldica é estudada enquanto linguagem visual presente no cotidiano atual de nossa sociedade. A partir dessa abordagem, conteúdos sobre o tema são divulgados nas redes sociais e a linguagem Heráldica é problematizada a partir de seus usos e aplicação em manifestações culturais brasileiras, como os emblemas e estandartes das escolas de samba do Rio de Janeiro.

## **Palavras-chave**

Curso de Museologia; Ensino; Extensão universitária; Heráldica; escolas de samba.

## **Abstract**

Report of a teaching experience at the Curso de Museologia of Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), concerning the content of the Tópicos Especiais I – Heráldica discipline and its outcomes in a university extension project. In the curricular

---

\* Museóloga e mestre em Museologia e Patrimônio pelo Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio UNIRIO/MAST. Professora assistente do Departamento de Estudos e Processos Museológicos do Centro de Ciências Humanas e Sociais, UNIRIO. Coordenadora do grupo de ensino e extensão Conversa de Acervos e vice-coordenadora do Núcleo de Memória da Museologia no Brasil- NUMMUS. Email: [ludmila.costa@unirio.br](mailto:ludmila.costa@unirio.br).

\*\* Estudante do Curso de Museologia Integral da Escola de Museologia UNIRIO. Foi monitora da disciplina Tópicos Especiais I – Heráldica entre 2019-2020 e compõe o grupo de estudantes pesquisadores do grupo de ensino e extensão Conversa de Acervos, sendo uma das administradoras das páginas com mesmo nome nas mídias sociais. Email: [rayssalf@edu.unirio.br](mailto:rayssalf@edu.unirio.br).

\*\*\* Estudante do Curso de Museologia Integral da Escola de Museologia UNIRIO. É monitora da disciplina Metodologia da Pesquisa aplicada à Museologia e compõe o grupo de estudantes pesquisadores do grupo de ensino e extensão Conversa de Acervo desde 2020, sendo uma das administradoras das páginas com mesmo nome nas mídias sociais. Email: [rosemere.andrade@edu.unirio.br](mailto:rosemere.andrade@edu.unirio.br).

elements, coats of arms and their symbols are studied beyond their origin, which is based on the modern Western Europe culture, that was brought into Americas during colonization process. In the pedagogical plan, Heraldry is studied as a visual language present on the daily life of our society. From this approach, contents about this issue are released on social media. The publications discuss the heraldic language applications in Brazilian cultural manifestations, such as, the emblems and standards of the samba schools in Rio de Janeiro.

**Keywords**

Museology Course; Teaching; University Extension; Heraldry; Samba Schools.

## **Introdução**

**A** visão é o sentido mais privilegiado na construção da narrativa museológica e expressa na linguagem expositiva. O objeto musealizado é uma representação<sup>1</sup> e um meio de comunicação envolto de significados (interpretação passado/presente). O objeto representação é posto nos museus para evocar a memória selecionada para ser vista/lembrada.

A narrativa museológica é capaz de conformar imagens a partir de outras imagens. Importa-nos clarificar que a exposição não é o cerne da narrativa museológica, há uma gama de processos museográficos que influenciam a narrativa exposta nos museus. Dentre estes processos temos a pesquisa que, em diferentes abordagens, técnica ou conceitual, atravessa os discursos nos quais o bem cultural é inserido.

A fim de pensar e repensar os usos de imagens que permeiam os bens culturais e problematizar a vida institucional da museália, nosso artigo apresenta os resultados preliminares de duas experiências realizadas nos dois últimos anos (2019-2020), no âmbito acadêmico da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Humanas e Sociais, Escola de Museologia, onde é ministrada a disciplina optativa, Tópicos Especiais I – Heráldica. Assim, este artigo apresenta alguns resultados das ações de ensino e extensão onde um dos temas principais foi a Heráldica.

Com o propósito de clarificar o leitor sobre assunto não muito divulgado – os brasões de armas – apresentamos o desenvolvimento da Heráldica na sociedade dita ocidental para expor a concepção desta linguagem visual e relatamos os resultados dos projetos acadêmicos, de ensino e extensão, cujas ações têm o propósito de ampliar o conceito e aplicação da Heráldica na pesquisa e comunicação museológica.

Em seguida apresentamos as reflexões iniciais das interpretações que o estudo desse conhecimento, no âmbito da Museologia, pode subsidiar a interpretação de problemas sociais que envolvem a criação de bens culturais, onde é identificada a presença e/ou influência da Heráldica.

## **Uma linguagem para ver e interpretar**

A Heráldica é uma linguagem visual e, como tal, é um canal de comunicação. Das pinturas rupestres em cavernas pré-históricas ao *design* gráfico da contemporaneidade, a produção cultural humana, em diferentes sociedades e épocas, registra sua percepção de mundo a partir daquilo que a Semiótica denomina por *signo*. Para a definição de signo,

tomaremos de Peirce, através de Eco, em seu livro *Semiótica e Filosofia da Linguagem*, uma definição clássica: “um signo é algo através de cujo conhecimento nós conhecemos algo a mais”.<sup>2</sup> Os brasões de armas são signos e a Heráldica é o meio intelectual pelo qual os brasões são convencionados, pois é ela quem confere as regras e normatiza a produção e uso desses signos. O brasão de armas está posto no lugar de algo – ideia, conceito, valores traduzidos por dogmas, missão, propósito. As instituições como a igreja, a família e diferentes corporações civis e militares podem ser representadas e, geralmente o são, por meio de símbolos que codificados tornam-se signos e nos comunicam sentidos e significações.

No contexto feudal, os grupos sociais que constituíam aquela sociedade passaram a se autorrepresentar por meio de uma linguagem codificada muito específica que, apesar de remeter a referências bem mais antigas e utilizar elementos e figuras há séculos conhecidos, criou signos peculiares que, não só se tornaram marca da linguagem visual de sua época, mas base imagética das sociedades modernas, que nos influenciam até a contemporaneidade.

Os brasões de armas transmitem, visualmente, narrativas e, nesta condição, têm leitura variada, por seu caráter simbólico. O simbólico é representacional, “transcende o significado e depende da interpretação”;<sup>3</sup> envolve emoções abstratas e se conecta à esfera do inconsciente.

O simbólico também confere dinamismo à linguagem Heráldica, cujas leis não alcançaram a rigidez a qual se propunham, não somente pelo deslocar-se entre fronteiras geográficas, mas também devido às mudanças políticas e sociais no decorrer dos séculos. Há variações entre as regras de produção e uso das armas, especificidades regionais, o que é característico de uma linguagem – como um idioma e sua gramática, ortografia e semântica. Por este motivo, a Heráldica torna-se uma disciplina de estudo complexo.

A Heráldica pode ser considerada como a primeira normatização/codificação do uso de cores, figuras e formas para fins de identificação e diferenciação entre grupos e indivíduos no continente europeu. Contudo, outros códigos visuais podem ser encontrados em diversas sociedades e culturas em todos os momentos da história das civilizações. É importante estar claro que tratamos da linguagem Heráldica conformada pelas sociedades europeias e que colonizaram as Américas. Não falamos, por exemplo, de codificação semelhante que ocorreu na China Medieval e Imperial durante séculos e que também deixa suas referências até a atualidade naquela cultura.

Ao olharmos o contexto sociocultural europeu, identificamos fases durante o processo de criação da codificação de elementos visuais. Da transição do uso indiscriminado de figuras e cores para a determinação de regras, a tradição dos estudos da Heráldica denominou “período pré-heráldico”. O principal documento (cultura material) que registra este período é a tapeçaria de Bayeux. Hoje, preservada em museu que leva seu nome, localizado na região da Normandia.<sup>4</sup>

A “tapeçaria” é uma extensão de tecido bordado com 69 metros de comprimento por 50 metros de largura, contém 58 cenas<sup>5</sup> que compõem a *imagem* que conta como os vencedores normandos<sup>6</sup> derrotaram os ingleses na batalha de Hastings. Neste objeto têxtil encontramos a representação de alguns elementos geométricos, cores e formas que identificam e diferenciam os grupos oponentes e verifica-se a presença do escudo oblongo,<sup>7</sup> formato muito difundido nos primeiros séculos de produção dos brasões de armas.

O brasão de armas, como exposto linhas acima, é signo,<sup>8</sup> marca visual<sup>8</sup> e gráfica produzida a partir de convenções para comunicar. Esta marca deve ser produzida e interpretada tendo como base o domínio de regras (ou leis, como chamam os heraldistas tradicionais)<sup>9</sup> criadas para o controle do *status* de diferenciação que a hierárquica sociedade feudal pretendia manter.

O período mais aceito como demarcação da criação das regras Heráldicas é o século XIII. Todavia, o conjunto de normas, hoje transmitidas em estudos específicos de Heráldica, foram transformados no decorrer de vários séculos e passaram por inúmeras atualizações, adaptações e inserções que variaram de região para região da Europa. Em alguns territórios como Portugal, por exemplo, foi no século XVI que estas normas foram organizadas como regra indubitável. E, retomando comentário anterior, o uso de normas para composição das armas foi primeiro estabelecido para diferenciar grupos sociais e não indivíduos, pois a percepção de individualidade foi uma construção social a partir da sociedade moderna, de orientação protestante e capitalista.

E como foram desenvolvidas tais regras? A perspectiva bélica recebeu destaque em bibliografias clássicas<sup>10</sup> que tratam da origem da Heráldica com base em registros que demonstram o hábito cavaleiresco de carregar suas armas de origem (casas/famílias) no suporte de sua arma de defesa, o escudo (*blason*) – carregar é destacar no suporte, por meio de pintura as cores, as formas e figuras, elementos que compõem o armorial. O universo bélico foi muito manifestado no vocabulário heráldico; as partições do escudo têm origem atribuída aos golpes de espada na superfície do escudo. Os golpes foram

codificados por linhas em diferentes direções e assim formam, ao serem combinadas, as principais peças que compõem o armorial heráldico. Algumas figuras como o elmo, a capa e a espada do cavaleiro complementam o vocabulário oriundo desse universo majoritariamente masculino.<sup>11</sup>

Além da cultura belicosa, a fé católica regia o contexto feudal e sua estrutura política e social. A iconografia cristã convencionada pela Igreja Católica Apostólica Romana foi um importante aporte para a formulação do vocabulário heráldico.

Ao unirmos fé católica e cultura bélica deparamo-nos com o evento das Cruzadas, que reuniu esses dois fatores e é apontado por muitos autores como a alavanca para o desenvolvimento da Heráldica.

É importante frisar que as duas instituições que ainda preservam as tradições da aplicação das regras da Heráldica (ou buscam preservá-las), com suas devidas atualizações, são a Igreja Católica Apostólica Romana e as forças armadas, com destaque à força militar terrestre – o exército. A mentalidade cristã de orientação católica tem seu apelo visual em relevo na Heráldica, por meio do uso da cruz e de suas derivações – os cruzamentos<sup>12</sup> – presente também no armorial militar, resquício do empreendimento das Cruzadas.

Todavia, para além dos elementos de guerra, encontramos referências imagéticas que habitavam o imaginário dos povos germânicos antes das invasões romanas e da imposição dos conceitos católicos. Este dado pode ser apontado na verificação do uso de figuras da animália fabulosa, cuja origem vem do amplo tronco cultural celta, como é o caso dos dragões, unicórnios, melusinas, dentre outros remanescentes que figuram em alguns armoriais.

A linguagem Heráldica foi fundamental na tessitura de poderes políticos, tanto nas relações de vassalagem instituídas no feudalismo, quanto no período de ascensão das classes burguesas. Os brasões e suas armas serviram a contextos distintos, tendo sido transformados em símbolos nacionais marcando bandeiras,<sup>13</sup> selos e objetos de honraria como as condecorações e demais insígnias, elementos de legitimação da imagem de poder das classes hegemônicas.

Em sociedades analfabetas, a Heráldica tornou-se a principal linguagem semântica entre as classes sociais. Pesquisas recentes apontam que mesmo os camponeses fizeram uso de armas para identificação<sup>14</sup> e, principalmente, comunicação. Não é o objetivo deste artigo analisar estes estudos; nosso destaque se limita à compreensão do quanto a

linguagem visual dos brasões era relevante para a sociedade feudal e mercantilista antes da implementação dos ideais iluministas que defendiam o letramento da população.

Segundo o historiador Jacques Le Goff, aquilo que hoje reconhecemos como Idade Média e que, não deve ser entendida como era das trevas, pode ser identificada por uma tríade de valores, tais como: a fidelidade, a hierarquia e a honra – todas solidificadas em uma rígida estrutura de dogmas de sacralização. E, entendamos aqui o sagrado, não somente no âmbito da fé católica, mas também na relação dos camponeses e demais vassallos com o senhor, bem como, posteriormente, com o rei em sua representação de absoluto.

Estes valores foram estruturantes do sistema social e político do Antigo Regime e podem ser percebidos através da linguagem Heráldica. A fidelidade e a honra eram valores recorrentes no simbolismo das armas e a hierarquia estava demarcada na tentativa de rigidez das leis e direito ao uso delas. Ainda segundo Le Goff,<sup>15</sup> se entendemos que esses valores sociais por ele apontados formaram a base da Idade Média, este período compreenderia uma curva cronológica muito mais larga do que aquela tradicionalmente percebida como medieval. Para ele, os valores medievais perpetuaram-se até o século XVIII tendo sido desestruturados com a eclosão da Revolução Francesa, responsável pelo declínio dos valores preservados no Antigo Regime.

Na atualidade permanece a influência da Heráldica nas regras para criação e uso de bandeiras, condecorações e outros distintivos de grupos sociais, ou seja, na criação de insígnias representativas de instituições dos Estados nacionais e/ou federações. Há lugar para a Heráldica, também, na criação de emblemas para o desporto, principalmente no meio futebolístico, salvo as atualizações que se distanciam das regras primeiras.

Permanece, assim, o legado de codificação e estrutura para organização de signos e honrarias que ainda fazem parte da sociedade e que tem sua origem no conhecimento da Heráldica. E, claro, naqueles países cujo sistema de governo é a monarquia, não é preciso dizer de sua permanência e importância, quase nos mesmos moldes do tempo anterior à queda da Bastilha.

A Heráldica ultrapassou os limites da sociedade feudal e, diríamos, foi fundamental para a consolidação dos Estados modernos. Estudá-la é um diferencial para engendrarmos reflexões históricas, sociais e construir narrativas museológicas.

### **A pesquisa museológica e os usos da Heráldica.**

Durante o processo de pesquisa museológica para a interpretação da museália, os métodos de levantamento de dados e análise devem passar pelo diálogo com diferentes disciplinas. Esta interlocução entre campos do conhecimento precisa ser mediada durante o processo de musealização por meio de métodos museográficos e museológicos.

Durante o processo de interpretação e construção de conhecimentos na pesquisa museológica, destacamos a Heráldica, não apenas como disciplina, mas enquanto linguagem visual. Instrumento de investigação, a Heráldica é o elemento que auxilia a construção narrativa de muitos conhecimentos como a História, a Sociologia, a Arte, a Literatura e sua análise, defendemos, deve ser interposta à Semiótica. Entendemos que através dos métodos museográficos e museológicos, as diferentes visões dos diversos campos do conhecimento devem ser correlacionadas e, assim, pode-se construir narrativas plurais sobre um mesmo signo cultural, ou seja, problematizar suas referências simbólicas, os silenciamentos e a construção social daquele bem cultural.

A pesquisa museológica tem início desde o registro do bem cultural e perpassa todas as etapas da documentação. Ela embasa a abordagem conceitual de exposições e de conteúdos que os museus divulgam em suas diferentes mídias sociais, por exemplo, bem como subsidia publicações internas e externas (acessado por seus diferentes públicos). A pesquisa ressignifica, atualiza e possibilita abordagens diversas sobre o objeto (bem cultural).

É, sim, possível desenvolvermos novos lugares de memória e representatividade social, contudo é possível, ainda, construir e realizar, na releitura dos objetos que compõem os museus tradicionais, abordagens que garantam a inclusão dos diferentes grupos sociais que compõem a sociedade e, assim, ampliar as reflexões de profissionais de museus e da sociedade que, na forma de público, têm acesso aos diversos conteúdos que os museus oferecem.

Hoje é possível uma compreensão mais clara a respeito da diversidade cultural. No contexto latino-americano, a condição de coexistência em um mesmo território de diferentes e, muitas vezes, divergentes culturas, favorece a compreensão de que não há modelo de museu uniforme que dê conta de representar todo e qualquer grupo e que, sem abrir-se à percepção do *outro*, não é possível valorizar identidades.

Para a interpretação de alguns objetos musealizados, há conhecimentos específicos que devem ser considerados. Dentre estes, destacamos a Heráldica para complementar ou, até mesmo, orientar os caminhos da pesquisa de alguns objetos e imagens culturais. Para os profissionais de museus não é difícil entender a conexão que a

Heráldica tem com algumas coleções museológicas e com o patrimônio arquitetônico, por exemplo, pois encontramos brasões em diferentes acervos e, também, na construção que abriga o museu. Para aqueles que não trabalham em museus, talvez fique a pergunta: para que preciso conhecer a Heráldica, o que isso tem a ver com minha vida cotidiana?

A partir deste questionamento, iniciamos a segunda parte de nosso artigo e apresentamos projeto de ensino desenvolvido com estudantes dos Cursos de Museologia da Escola de Museologia UNIRIO, no contexto da disciplina que aborda a linguagem Heráldica, bem como o seu desdobramento em projeto de extensão.

Como parte do projeto de ensino realizado apresentamos, primeiro, alguns resultados com os alunos que cursaram a disciplina no ano de 2019 e, num segundo momento, o projeto de extensão, cuja principal ação foi difundir conhecimentos sobre a Heráldica a partir de manifestações culturais da sociedade brasileira. Destacamos, ainda, o uso das redes sociais como ferramenta de divulgação da Heráldica em contexto de ensino remoto e digital nos semestres letivos de 2020.

### **Heráldica no ensino, na pesquisa e na extensão universitária.**

A partir do componente curricular Tópicos Especiais I – Heráldica, foi possível estabelecer diferentes ações firmadas no princípio universitário – ensino, pesquisa e extensão. Apresentaremos, a partir daqui algumas das iniciativas realizadas desde o ano de 2019, ações de antes do contexto pandêmico por SARS-Cov-2,<sup>16</sup> e durante os semestres remotos emergenciais implementados após a crise sanitária.

Considerando os desafios e potências que a abordagem da linguagem Heráldica na atualidade implicam, a construção dialética entre docente e estudantes tornou-se essencial no desenvolvimento dos projetos, tanto no período presencial, como no período remoto.

Durante o ano letivo de 2019, o trabalho de monitoria das estudantes de Museologia foi organizado em duas etapas: 1) levantamento bibliográfico e familiarização com a terminologia Heráldica oriunda de alguns dos principais autores que advogam a narrativa disciplinar mais difundida entre os heraldistas; 2) em outra diretiva, as estudantes monitoras iniciaram, sob a orientação docente, a estruturação de dois questionários a serem aplicados com a turma: um no início e o outro no final do período letivo, para avaliação do curso. As perguntas envolviam a percepção dos estudantes sobre Heráldica, referências vindas do entretenimento e motivações para inscrição na disciplina. A primeira tentativa foi realizada utilizando a ferramenta digital *Google Forms*,<sup>17</sup> método

que não surtiu o efeito almejado, visto que o número de respondentes foi muito abaixo em relação ao número de alunos inscritos no componente curricular. Assim, no primeiro dia de aula presencial, o questionário foi aplicado em sala de aula e respondido pelos presentes.

As primeiras questões se referiam à identificação do estudante (nome, idade e período letivo). A questão central direcionava para diferentes perguntas, a depender da primeira resposta: “você sabe o que é estudado em Heráldica?”. Se a resposta fosse “sim”, o respondente iria descrever suas referências prévias: livros, filmes, jogos, convívio com pessoas – e, neste caso, se nesse círculo social alguém teria feito ou escolhido um brasão para uso pessoal.<sup>18</sup> Se a resposta fosse “não”, a pergunta seguinte visava descobrir o motivo da inscrição na disciplina: curiosidade sobre o tema; ausência de créditos em componentes curriculares; ou por considerar importante o conteúdo para complementar a formação.

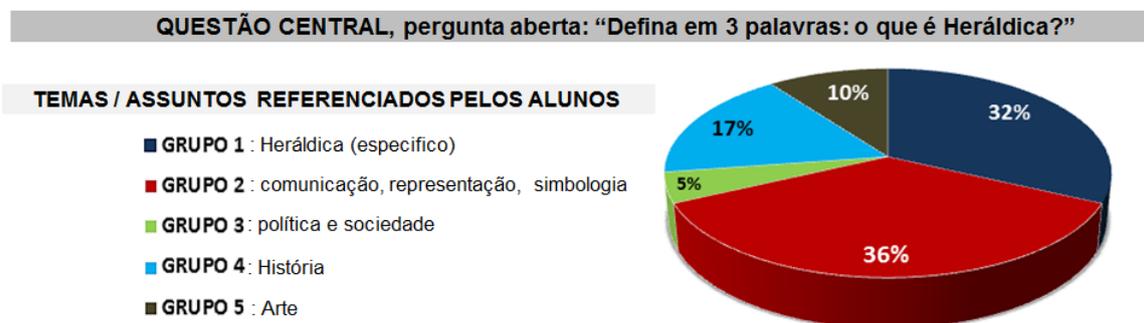
A tabulação do questionário demonstrou que a maioria dos alunos inscritos cursava do 2º ao 5º período e a maior parte deles escolheu fazer a disciplina por indicação ou incentivo de colegas veteranos do Curso de Museologia. Este dado demonstra que a Heráldica ainda é um tema de interesse entre estudantes de Museologia. Contudo, estudar Heráldica hoje não se limita à descrição de brasões para seu reconhecimento visual, mas sim promover reflexões e produção de conhecimento com interpretação crítica sobre os signos culturais presentes na sociedade.

O objetivo de mapear o perfil da turma foi observar o entendimento e os interesses dos discentes sobre Heráldica, assim, como os níveis de conhecimento prévio acerca dos brasões, diagnosticado como muito pouco ou incipiente. A partir desta identificação, a abordagem da disciplina foi organizada para divulgar a Heráldica como ferramenta de reflexão para construção de um pensamento crítico sobre representações simbólicas, construção de identidades e registro de memórias, tanto para as estudantes que integravam o projeto de ensino, na condição de monitoras, quanto para aqueles alunos matriculados na disciplina.

No questionário do final do semestre, pediu-se: “Defina em três palavras: o que é Heráldica?” Era uma questão norteadora que visava identificar os resultados após o aluno cursar a disciplina. A partir dessa pergunta identificamos quais conexões foram construídas pelos estudantes a partir da linguagem Heráldica. Foram 115 os termos utilizados pelos discentes no total. Estes termos foram divididos em sete grupos

temáticos, como pode ser lido na imagem em que apresentamos a porcentagem de ocorrências de termos por grupo:

Figura 1. Gráfico com percentual de termos e temas citados pelos alunos que cursaram Tópicos Especiais I – Heráldica, semestre letivo de 2019.1 Escola de Museologia UNIRIO.



Fonte: As autoras. Projeto de Ensino, 2019 “Linguagem Heráldica: estudos em museologia para prática de pesquisa em coleções”.

Os discentes apresentaram termos específicos da linguagem Heráldica que conheceram em aula – um dos objetivos era observar esta assimilação –, mas também indicaram relações com outras disciplinas e conhecimentos (um ponto positivo identificado no processo de ensino).

As referências prévias da cultura *pop* trazidas pelos alunos possibilitaram o desdobramento do projeto de ensino em ações de extensão, ações estas que descrevemos a seguir.

Com a paralisação das aulas presenciais desde março do ano de 2020, devido às orientações para isolamento e distanciamento social para evitar a rápida contaminação pelo novo coronavírus (covid-19), as atividades presenciais da universidade foram paralisadas e todos os projetos precisaram ser reformulados para a realidade de ações feitas à distância e exclusivamente por meio de plataformas digitais.

O projeto de ensino enfrentou um desafio ainda maior para manter suas atividades, pois no contexto de ensino remoto a grade de oferta de disciplina foi reduzida e a disciplina Heráldica não foi ministrada naquele momento. O que foi feito? A fim de aproximar os estudantes de Museologia do tema e promover interesse pela continuidade nos estudos com os assuntos relacionados à linguagem Heráldica, teve início o desenvolvimento de ação subsidiada pelas informações levantadas e mapeadas através dos questionários aplicados nas turmas do ano anterior. Assim, foi empreendida a estratégia de criação de páginas em redes sociais para divulgação e promoção de debate

sobre o tema da Heráldica. Dentre os objetivos das páginas, o principal é não deixar os estudantes de Museologia alheios ao conteúdo da disciplina e, principalmente, obterem o conhecimento de que a linguagem Heráldica e sua base simbólica, estética e conceitual estão presentes em referências culturais contemporâneas, cuja origem está nos brasões e sua codificação.

A monitoria realizou um levantamento de obras de ficção a partir daquelas citadas pelos alunos de turmas anteriores, em um momento de acolhimento com apresentação e troca de referências entre a turma e a docente. Muitos filmes e séries com inspirações ou baseados no medievalismo<sup>19</sup> foram citados pelos alunos respondentes. Este material precisou ser verificado, tanto no âmbito das referências daquelas produções midiáticas, quanto à checagem da veracidade histórica. Nesse processo de verificação e análise de materiais da produção audiovisual, principalmente, a lista de exemplos cresceu para além do que foi trazido através das respostas das turmas e muitos outros exemplos foram encontrados. O levantamento dividiu as produções em: a) longas-metragens de animações; b) filmes em que a Heráldica influencia a narrativa; c) filmes em contextos medievais; d) fantasias com inspirações medievais; e) séries, seriados que se desenvolvem a partir da simbologia e onde a linguagem Heráldica pode ser relacionada. Também foram sinalizados em que serviços de *streaming* as produções estão disponíveis, para indicação de acesso aos estudantes.

A Heráldica é muito presente nas ambientações, na indumentária e está em vários elementos da produção cinematográfica. Assim, além desse levantamento, uma parte da pesquisa ocupou-se em identificar como a direção de arte, figurino, maquiagem e penteado interferem naquelas produções, norteando-se pelos critérios dos prêmios da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas dos Estados Unidos, o Oscar. Entender melhor os termos associados ao contexto cinematográfico, ainda que, sem grande aprofundamento, foram essenciais para ampliar o escopo de palavras-chave que potencializaram as buscas.

Importante observar que esse material dialoga com outros conteúdos de diferentes tipologias de acervos. Não entraremos em maiores detalhes neste sentido, visto que não é o foco deste artigo.

Em julho de 2020 foram executadas as primeiras ações no contexto do projeto denominado “Conversa de Acervo”, que vamos explicar a seguir.

### **Conversa de acervo: a Heráldica “no seu *feed*”.**

As experiências e o levantamento de dados anteriormente relatados foram determinantes para o caráter discursivo do projeto “Conversa de Acervo”.

O projeto converge suas ações dentro dos três pilares da universidade, como mencionado no início deste artigo, o ensino, a pesquisa e a extensão. O objetivo da extensão é possibilitar amplo acesso da sociedade à conteúdos culturais, promover a divulgação científica no campo multidisciplinar dos acervos museológicos e impulsionar o diálogo entre perspectivas e conteúdos sobre os temas apresentados. Daí o nome “conversa” de “acervo”.

As páginas em rede social apresentam algumas séries de conteúdos que exploram a presença da Heráldica no cotidiano social, em diversas manifestações culturais e na linguagem publicitária, entre outros. A linguagem textual dos conteúdos não é acadêmica e busca-se a aproximação com os mais diferentes públicos que acompanham as páginas. Considerando o apelo imagético que as redes sociais possuem,<sup>20</sup> a identidade visual foi pensada em cores quentes e tons terrosos, reforçando a abordagem mais acolhedora. Desta maneira, se estabelece consistência em cada escolha: da pesquisa às imagens, da criação dos títulos às legendas (conteúdos).

Algumas séries de conteúdos relacionadas à linguagem Heráldica, são: “Heráldica na ficção”, que aborda obras literárias e audiovisuais onde podem ser encontrados símbolos e imagens ligados à tradição dos brasões ou à origem retórica e simbólica da linguagem Heráldica. Nesta série, o levantamento de referências midiáticas, citado anteriormente, foi a base do desenvolvimento. Através dos dados para elaboração dessa série foi possível perceber que, através dos brasões e conhecimentos da Heráldica, verifica-se o apagamento da diversidade étnica no contexto medieval. Por meio da interação com o público de seguidores da página “Conversa de Acervo”, descobrimos outras obras literárias e audiovisuais que buscam mudar esta ausência de representação pluriétnica.

Outra série, “Onde está a Heráldica em nosso dia a dia?”, aborda principalmente as logomarcas em uso até a atualidade. Signos que fazem alusão ou buscaram inspiração em brasões, ou brasões históricos de instituições centenárias.

E, ainda, a série que iremos comentar na próxima seção, “Enquanto o Carnaval não vem...”, ligado diretamente com a questão da pandemia, que impediu a realização das manifestações carnavalescas em todo o território nacional, abordamos a ligação imagética dos signos e símbolos que fazem parte do vocabulário visual de Grêmios Recreativos das Escolas de Samba do Rio de Janeiro.

### **Conversa de acervo: relação entre as escolas de samba e a Heráldica? Tem sim, senhor!**

Dentre os conteúdos divulgados sob temática que relaciona a linguagem Heráldica com as representações imagéticas das escolas de samba, selecionamos três, a Imperatriz Leopoldinense, a Império Serrano e a Unidos de Vila Isabel.

Estas três escolas têm em seus nomes a alusão ao passado imperial do Brasil, um dado que justifica as referências com símbolos como a coroa imperial e as cores das escolas que remontam à casa imperial. Todavia, é bom frisar que estas não são as únicas escolas de samba que guardam referências advindas da linguagem Heráldica. O uso de emblemas para abrigar figuras, a harmonização de cores que combinam “esmaltes” e “metais” – alternância entre o branco (prata) ou o amarelo (dourado/ouro) com cores como o vermelho, verde, púrpura ou azul e preto (esmaltes) — são referências às regras Heráldicas, sendo uma de suas principais normas de codificação da linguagem.

O G.R.E.S. Império Serrano foi fundado em 1947 no subúrbio carioca. Seu nome homenageia a comunidade da Serrinha, localizada no bairro de Madureira. A Império Serrano tem por símbolo a coroa imperial brasileira, cujo forro verde (parte interna da coroa) faz referência ao esmalte representativo da família da casa de Bragança, dado singular do Império do Brasil, visto que o mais comum, por norma Heráldica, era o uso do esmalte vermelho em coroas reais ou púrpura para coroas imperiais. As cores da escola são o verde e branco (prata), combinação que segue a norma da harmonização entre esmalte e metal. O pavilhão, que é conduzido e apresentado pelo casal de mestre-sala e a porta-bandeira, é um dos símbolos mais reverenciados das agremiações e, em sua maioria, tem uma divisão que remonta ao tipo de partição denominada *agironado*, segundo Luiz Marques Poliano.<sup>21</sup> É uma partição usual para estandartes, principalmente no contexto das escolas de samba.

Figura 2. Pavilhão do G.R.E.S Império Serrano.



Fonte: Conteúdo aberto. Wikipédia. Licença Creative Commons.  
Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio\\_Serrano](https://pt.wikipedia.org/wiki/Imp%C3%A9rio_Serrano). Acesso em 05 de jul. 2021.

A Imperatriz Leopoldinense, criada em março de 1959, representa os bairros da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro que foram cortados pela antiga estrada de ferro cujo nome celebrou a imperatriz Maria Leopoldina, mãe de Dom Pedro II. O emblema da escola traz, mais uma vez, a coroa imperial, que ficou conhecida como a coroa de D. Pedro II. O pavilhão da Imperatriz Leopoldinense tem as cores verde e branca em tributo à sua madrinha, a Império Serrano, mas a composição ostentada no estandarte não é a mesma da escola madrinha, o pavilhão leopoldinense traz uma banda em esmalte verde sobre o campo prata. Banda é uma peça do vocabulário heráldico, que consiste em uma imagem retangular, que cruza o campo da bandeira ou do escudo da esquerda para a direita de quem o vê, e, da direita para a esquerda, de quem o carrega. Banda é uma peça muito tradicional no vocabulário visual dos brasões, considerada uma das peças primeiras, “nobre” ou “honrosa”.

Figura 3. Pavilhão do G.R.E.S Imperatriz Leopoldinense.



Fonte: Conteúdo aberto. Wikipédia. Licença Creative Commons.  
Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Imperatriz\\_Leopoldinense](https://pt.wikipedia.org/wiki/Imperatriz_Leopoldinense). Acesso em 05 de jul. 2021.

O G.R.E.S. Unidos de Vila Isabel fica na região da antiga propriedade de D. Amélia de Leuchtenberg, segunda esposa de D. Pedro I. A propriedade foi vendida ao barão de Drummond, que quis homenagear a princesa Isabel devido à assinatura da Lei Áurea. A temática abolicionista (via perspectiva branca) está presente, também, no nome das ruas do bairro que são, em sua maioria, de abolicionistas. A escola foi criada em abril de 1946. Seu símbolo, como as anteriores, também é a coroa. No estandarte, podemos destacar a presença de um escudo para compor o emblema da escola; um brasão em formato dito polonês, cuja forma foi recorrente no século XIX no armorial nacional. Os elementos no emblema da escola são: o sol nascente, a clave de sol, um pandeiro e uma pena. Simbolizam a música, o samba e a poesia. O sol faz referência ao nascimento da escola de samba e os demais elementos à musicalidade, tanto sonora quanto das letras dos grandes compositores, principalmente Noel Rosa.<sup>22</sup>

Figura 4. Pavilhão do G.R.E.S Unidos de Vila Isabel.



Fonte: Conteúdo aberto. Wikipédia. Licença Creative Commons.  
Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Unidos\\_de\\_Vila\\_Isabel](https://pt.wikipedia.org/wiki/Unidos_de_Vila_Isabel). Acesso em 05 de jul. 2021.

### **Considerações finais**

A Heráldica é um exemplo de linguagem visual que expressa a supremacia europeia na estrutura cultural brasileira. Seu estudo, no âmbito da formação de museólogos no Brasil, esteve, por décadas, limitado a uma prática descritiva e menos analítica sobre a construção de seus símbolos e seus usos até os tempos atuais.<sup>23</sup>

Nos últimos anos ocorreu um afastamento considerável dos estudos museológicos sobre o tema dos brasões e sua simbologia e das normas da linguagem Heráldica. Ignorar esta linguagem, contudo, não é o caminho que deve ser trilhado pelos profissionais da museologia.

Um dos propósitos deste artigo, além daquele de relatar as experiências de ensino e extensão em projetos da Escola de Museologia UNIRIO e divulgar a disciplina Heráldica, visa apontar como que seu estudo pode contribuir para pesquisas cujos temas envolvam a formação da sociedade brasileira e suas manifestações culturais.

O conhecimento da Heráldica pode ser útil para inúmeras reflexões em que a origem de símbolos em bens culturais está nesta linguagem. E não falamos, apenas, dos exemplos de acervos com desenhos e gravuras de brasões em objetos que pertenceram às classes economicamente dominantes, mas de diversas imagens criadas para diferenciar e destacar indivíduos, grupos e associações em diferentes tempos e contextos sociais, como o exemplo que destacamos a partir do projeto “Conversa de Acervo” e da série sobre os símbolos das escolas de samba da cidade do Rio de Janeiro.

Aos profissionais de museus não é permitido naturalizar as referências europeias presente na cultura brasileira, como se esta hegemonia não pudesse ser problematizada. Devemos reconhecer o processo de dominação das linguagens e, pela linguagem dos colonizadores, identificá-la e interpretá-las no sentido do seu tempo de criação e uso e, também, naqueles precedentes ou no tempo do hoje. Como tais linguagens foram assimiladas e perpetuadas em detrimento de outras linguagens visuais pertencentes à grupos culturais diversos que compõem a sociedade brasileira.

Para construirmos um pensamento crítico sobre a Heráldica é preciso estudá-la como uma linguagem visual em paralelo a outras linguagens visuais. É da responsabilidade dos profissionais de museus desvendar as construções simbólicas como processos políticos dentro de diferentes contextos e apresentá-los aos públicos e comunidades que vivenciam os museus.

No processo de ensino, para a formação da classe profissional de museólogos, a disciplina Heráldica tem sido apresentada como uma potente linguagem visual para inúmeras reflexões. Ressalta-se que analisar e pesquisar esta linguagem deve implicar em geração de conhecimento crítico sobre a formação da sociedade brasileira.

A linguagem Heráldica está ainda presente em diferentes contextos da vida cotidiana e inserida no imaginário das pessoas, e, no entanto, passa despercebida a conjuntura de construção destas referências imagéticas. Ao conhecermos a origem de certos signos, é possível discutirmos seu uso e sua hegemonia diante de outros signos pertencentes às culturas que não a europeia, como os signos estampados nos estandartes de Escolas de Samba cariocas. O uso de coroas com estética europeia e a composição cromática advinda do pensamento codificado da Heráldica, presente num contexto cultural de resistência de inúmeros povos e civilizações de origem africana, não deve ser apenas identificado, mas analisado e problematizado.

Os africanos escravizados trazidos ao Brasil sofreram um processo de violenta desestruturação de suas referências culturais e isso era feito basicamente pela separação de famílias e grupos de uma mesma civilização.<sup>24</sup> As diferentes etnias africanas têm como principal canal de preservação de seus hábitos e crenças a oralidade. A separação de seus entes quando chegaram ao Brasil foi crucial para a perda de muitas das principais referências culturais desses povos, sem contar a morte de grande parte deles que muitas vezes não aportaram no continente americano.<sup>25</sup> Este dado é um dos quais deve ser levado em conta para que sejam feitas relações entre a falta da representatividade da linguagem

visual dos povos africanos, não apenas em museus, mas nas manifestações culturais brasileiras.

É preciso que o pesquisador do campo da Museologia e do patrimônio saiba ler, na construção das imagens/símbolos da cultura do Brasil, as motivações do silenciamento e supremacia de determinadas culturas sobre outras. Somente assim poderemos reescrever narrativas, não necessariamente em novos museus, mas nos que já existem, principalmente.

O projeto de extensão “Conversa de Acervo” tem o propósito de fomentar estas discussões a partir da linguagem Heráldica.<sup>26</sup> O debate proposto a partir dos conhecimentos sobre a codificação da linguagem Heráldica extrapolam a sala de aula e o contexto acadêmico, muitas vezes restrito, e visa alcançar um número maior de pessoas. Em alguns casos, como o que relatamos a partir do exemplo relativo às associações carnavalescas, percebemos que a herança da linguagem Heráldica denota perda de memórias e referências ancestrais relativas à linguagem visual daqueles povos que foram forçosamente trazidos ao Brasil. Não queremos dizer com isso que, no exemplo das escolas de samba, estes não devessem utilizar seus símbolos de origem Heráldica, não se trata desta questão. A presença da linguagem Heráldica no contexto das escolas de samba é resultante do que podemos chamar de hibridismo cultural.<sup>27</sup> Todavia, não podemos olvidar sua origem advinda de atos de violência e silenciamento forçoso, como ocorreu com os africanos escravizados no Brasil. Entretanto, é possível assumir o hibridismo entre as diferentes culturas que compõem a sociedade brasileira.

Há inúmeros elementos africanos e afro-brasileiros na estrutura da festa do Carnaval e das escolas de samba. Contudo, é relevante promover a consciência sobre a construção da marca (signo) de origem europeia presente em alguns elementos significativos do contexto carnavalesco das agremiações e que representam a identidade destes grupos. E, consciente disso, problematizá-los para entendê-los como parte de um processo social.

O “conhecimento é poder”<sup>28</sup> e transformar informações em conhecimento é deixar de alienar-se ou de ser indiferente às questões sociais que permeiam as manifestações culturais, seus signos e símbolos.

## Notas

---

<sup>1</sup> Entendemos no contexto deste artigo a representação como reprodução de consciência e evocação de memória, ambas no sentido filosófico do termo de acordo com MORA, José Ferreter. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2001, p. 630.

<sup>2</sup> ECO, Umberto. *Semiótica e Filosofia da Linguagem*. Torino: Giulio Einaudi s.p.a 1984, p. 32.

<sup>3</sup> CHEVALIER, Jean e GHEERBRAUT, Alain. *Dicionário de símbolos*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 14ª edição, 1999

<sup>4</sup> Bayeux Museum. Disponível em: <https://www.bayeuxmuseum.com>.

<sup>5</sup> Segundo portal do professor Dr. Ricardo Luiz Silveira da Costa. Disponível em: <http://www.ricardocosta.com/artigo/breve-historia-da-tapeçaria-de-bayeux-c-1070-1080>. Acesso em 30 Set. 2021.

<sup>6</sup> A Batalha de Hastings (1066) foi o fato histórico determinante para a dominação normanda na parte inglesa da ilha britânica. A tapeçaria de Bayeux, conta a lenda, foi executada pela rainha Matilde de Flandres e suas aias – esposa de Guilherme, o conquistador vitorioso da batalha.

<sup>7</sup> Formato considerado primitivo dos escudos entre os normandos e alguns povos eslavos. A tapeçaria, neste caso, testemunha o formato usado no período e documenta o uso desse tipo de escudo em uma determinada época e por determinado grupo social.

<sup>8</sup> FONTANA, David. *A linguagem dos símbolos: a história e o significado ocultos em um guia completo e ilustrado* (Trad. Livia Chede Almedary). São Paulo: Publifolha, 2013.

<sup>9</sup> A expressão “heraldistas tradicionais” refere-se ao conjunto de autores brasileiros ou europeus do início do século XX que adotavam terminologia erudita para os estudos dos brasões.

<sup>10</sup> Como nos estudos de Gustavo Barroso, Luiz Marques Poliano, Vera Tostes, para citar alguns exemplos de autores dedicados à Heráldica e relacionados ao campo da Museologia no Brasil.

<sup>11</sup> O que não excluiu o uso das armas brasonadas pelas mulheres nobres. Há estudos específicos sobre a “Heráldica feminina”, que possui regras próprias em cada região do continente europeu e foi desenvolvida no decorrer dos séculos e de acordo com as diretrizes de casamentos e herança familiar. Exemplo deste estudo, no contexto português, pode ser lido em MATOS e BANDEIRA, “Heráldica feminina”. In: *Heráldica*. Lisboa: Ed. Verbo, 1969, p. 45.

<sup>12</sup> É necessário lembrar que a eleição do símbolo cruz como signo identificador da fé cristã foi uma construção social específica do Catolicismo e difere-se daquele selecionado por algumas assembleias primitivas da igreja cristã entre os primeiros séculos de difusão do cristianismo – o peixe.

<sup>13</sup> O estudo específico das bandeiras (*vexilo/vexillum*) chama-se vexilologia e a base de seus critérios normativos advém da Heráldica. Contudo, os estandartes foram signos (objetos) que antecederam o uso de brasões de armas. A presença desses pode ser observada em registros da cultura egípcia, romana e na Alta Idade Média. Após a codificação da linguagem Heráldica, as mesmas regras foram transferidas para o uso dos estandartes que passaram a reproduzir, em algumas situações, os brasões ou as suas armas.

<sup>14</sup> CORNELL UNIVERSITY LIBRARY. *The proud symbolism of Heraldry: why it matters; why it is fun!* Apresentação de Laurenti Ferri. New York: Cornell University, Setembro de 2015. 1 vídeo 47 min e 37”. Publicado no canal Cornell University Library. Inglês. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=njK2eS-eg24>. Acesso em: 25 Ago. 2021.

<sup>15</sup> LE GOFF, Jacques. *O Deus da Idade Média. Jacques Le Goff conversa com Jean-Luc-Pouthier*. Tradução de Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2ª ed., 2010.

<sup>16</sup> “A Covid-19 é uma infecção respiratória aguda causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, potencialmente grave, de elevada transmissibilidade e de distribuição global. O SARS-CoV-2 é um betacoronavírus

---

descoberto em amostras de lavado broncoalveolar obtidas de pacientes com pneumonia de causa desconhecida na cidade de Wuhan, província de Hubei, China, em dezembro de 2019. Pertence ao subgênero Sarbecovírus da família Coronaviridae e é o sétimo coronavírus conhecido a infectar seres humanos.” Ministério da Saúde. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>. Acesso em: 13 Jun. 2021.

<sup>17</sup> Uma observação: no ensino presencial a ferramenta digital de aplicação de formulário enviado aos endereços eletrônicos dos alunos matriculados não foi bem recebida, a maioria do corpo discente ignorou a solicitação. Sendo assim, o método de aplicação encontrado foi aquele de distribuir os questionários impressos durante a aula presencial.

<sup>18</sup> A considerar que atualmente existem alguns sítios eletrônicos que oferecem o serviço de produção de brasões de família.

<sup>19</sup> A Heráldica é sempre associada à cultura da sociedade feudal, contudo ela é uma linguagem que caracterizou a estrutura simbólica da sociedade moderna na Europa e dos processos de colonização, pois suas regras e uso foi consolidado e expandido a partir do século XV.

<sup>20</sup> Instagram e Facebook. Para conhecer acesse @conversadeacervo.

<sup>21</sup> POLIANO, Luiz Marques. “Heráldica: escritos heráldicos-genealógicos”. Instituto Municipal de Arte e Cultura. Rio de Janeiro: RioArte., 1986, p. 63.

<sup>22</sup> Depoimento de Elizabeth Aquino, diretora administrativa da G.R.E.S Vila Isabel em fevereiro de 2010. Entrevista à TV Globo. Disponível em *Bom dia Rio*, 03/02/2010. Globoplay.

<sup>23</sup> COSTA, Ludmila L. M da. Relatório de Pesquisa. O estudo de coleções no Curso de Museologia: Cultura material e interdisciplinaridade. 2018-2020. PROPGPI. UniRio.

<sup>24</sup> SANTOS, Ynaê Lopes dos. “História da África e do Brasil afrodescendente”. *Pallas*. Rio de Janeiro: 2017, p 174-176.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> A proposta do projeto não se limita à linguagem Heráldica, trabalhamos outros temas ligados à leitura e (re) interpretação de diferentes referências da cultura material de origem ocidental e criadas na sociedade moderna.

<sup>27</sup> SOUZA, Leila Lima de. “O processo de hibridação cultural: prós e contras”. *Revista temática*, vol. 9, nº 3, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/21983>. Acesso em: 29 Jun. 2021.

<sup>28</sup> Frase de Francis Bacon (1561-1626, Londres).